

## Natureza Viva

Se existe uma coisa que posso dizer do único pé de abacate que havia na rua é isto: não era uma árvore desentoadada. Ficava num platô no meio do morro atrás da minha casa. No início de cada ano colhíamos seus frutos já maduros, pendentes e brilhantes. Eu gostava de olhar a polpa verde amarelada antes de devorá-la com açúcar. Achava-a fruta tipicamente brasileira, mas me contaram que veio das bandas do México. O abacateiro ficava no alto e era a única árvore entre moitas e mais moitas de samambaias selvagens. Parecia olhar as outras árvores da rua como se as observasse. No entanto posso afirmar nunca ter visto nele qualquer sinal de soberba, apenas nascera ali, naquela altura, de uma semente que só Deus sabe como foi levada lá para cima. Mais alto do que o abacateiro só um grupo de modestas bananeiras. Ficavam longe, na fímbria da mata, onde a floresta se impunha às samambaias. Pareciam meninas tímidas, com vergonha de se juntarem às demais árvores. Contudo se sacudiam de alegria, quando bolinadas por um vento sem sossego que perambulava diariamente pelo morro.

Nossa rua era pequena e ao longo de suas duas ou três centenas de metros só existiam casas. Umas simples, outras ricas, mas todas tinham quintal com fruteiras. As mais populares eram as pereiras e as ameixeiras. Não me lembro de árvore mais esbelta do que a pereira. E delas havia de um só tipo, as que davam pera-ferro. Em fevereiro já se assanhavam, mas era em abril que se exibiam carregadinhas do fruto de polpa firme e succulenta. Fazíamos a festa entre seus galhos flexíveis que apontavam para o céu como se quisessem tocar as nuvens. Lembro-me do tremeluzir das folhas das pereiras... Às vezes corria uma brisa que agitava os galhos finos e as folhinhas vibravam como se acenassem, reverberando alegremente a luz mansa do sol de abril. As ameixeiras competiam em popularidade com as pereiras. Eram árvores

bonitas como suas rivais, porém mais generosas de formas, algumas até bem “repolhudas”, especialmente no inverno, quando se enfeitavam com dezenas de seus saborosos frutos amarelos. Um ou outro visitante da rua chamava as ameixeiras de “pé de nêpera” ou “nespereira”. Achávamos esses nomes antipáticos, para nós eram ameixeiras; as nossas ameixeiras.

Apesar da elegância das pereiras e da boniteza das ameixeiras, havia uma árvore com a qual nenhuma outra se igualava. A mãe de um dos meus amigos chamava-a assim mesmo: mãe. E ela era. Era ela uma grandiosa, imponente, afável, enorme e acolhedora figueira. Sem dúvida, a mais respeitável entre todas as damas frutíferas da rua. Nascera e crescera num terreno areno-argiloso próximo à beira do rio. Ninguém naquelas redondezas, e ninguém muito antes de alguém vivo naquelas redondezas, seria capaz de dizer quando a pequena semente que deu origem à figueira caiu no solo e germinou. Era muito velha, já não dava frutos. Dava sombra, imensa sombra ao seu redor; dava assunto para conversas; dava perfumes; dava beleza e deu a imagem que todos nós guardamos nas retinas, por mais fatigadas que estejam. Deu filhas também, umas filhas pequenas se comparadas à sua grandeza e largueza de muitos, muitos metros de altura e circunferência. As filhas ofereciam pequenos presentes pendentes por fevereiro e janeiro. Uns figozinhos desenxabidos e delicados que tirávamos dos galhos e comíamos reverentes à sombra da bondosa avó. Vivia a figueira no fim de um terreno onde construíram uma casa e depois abandonaram. Próximo à casa se espalhava uma caquizada galhuda e desorganizada. Árvores baixotas, se muito uns três metros. Entretanto trabalhavam bem seus frutos duros mas com pouca cica. Se colhidos em maio eram doces e macios, completamente ausentes de adstringências.

Disputávamos todas as frutas com os pássaros, especialmente os bem-te-vis, os sanhaços, os sabiás e os tiés-sangue. Isso sem falar nos sinistros e noturnos morcegos frugívoros. Os figos e as goiabas pareciam ser as preferidas das aves. As goiabas se reuniam num canto do terreno de uma casa vizinha à figueira. Em março

os frutos estavam no ponto. O perfume da goiaba madura é uma das melhores lembranças da minha infância. Perceber seu perfume é como olhar uma foto e sentir os olhos brilharem, seja de saudade, seja de emoção.

Havia alguns mamoeiros selvagens e espigados no meio do mato. Certa vez achamos um mamãozinho maduro entre seus irmãos verdolengos. Nós o colhemos e comemos sentados no chão, apoiados ao tronco do mamoeiro. Foi o melhor mamão que já comi na vida. Tinha também uns pessegueiros, mas eram raquíticos e davam umas frutas pequenas e nada suculentas. Entretanto floriam em setembro e as árvores, embora pequenas feito arbustos, ficavam completamente enfeitadas e cheirosas. As jabuticabeiras cresciam aqui e ali, e eram disputadíssimas. Disputávamos seus frutos não só com os pássaros, mas também entre nós. Davam umas jabuticabonas lustrosas que chegavam ao extremo ponto de beleza e delícia por outubro. Não faltavam pequenas parreiras de uva moscatel. Seus frutos não eram doces como deve ser aquela espécie de uva, mas os cachinhos pendentes em fevereiro ofereciam uma imagem delicada e bonita. As quatro ou cinco macieiras da rua eram árvores pequenas, mas exalavam perfume e charme. Notava-se qualquer coisa de nobreza nelas. Frutificavam no começo do ano e atingiam o auge em abril e maio. As maçãzinhas tinham um ligeiro toque ácido.

Família grande e unida era a dos cítrus. Das laranjas havia duas espécies: a lima e a pera. O mais pródigo da família era o limão-galego, e das mexericas também tínhamos boa quantidade. Só um representante da família vivia isolado, era um pé de lima-da-pérsia. Ficou preso entre os altos muros que guarneciam o jardim de uma casa de veraneio. Sequer nos dava notícia, mas alguém que provou seus frutos o levava em alta conta. As laranjas eram ótimas, os limões também, mas as mexericas tanto tinham de miúdas quanto de azedas. Contudo vivíamos com os bolsos das japonas cheios delas. Os cítrus, não fugindo à tradição, gostavam de aparecer entre março e agosto e tornavam a paisagem mais bonita, pois se juntavam às ameixeiras pintalgando de amarelo aquele pomar que era a rua.

Não esqueço dos humildes moranguinhos silvestres. Cresciam tímidos nas beiradas dos barrancos em companhia de oferecidas marias-sem-vergonha. Mas também ornavam nossa rua, e marcavam, sem saber, os nossos corações. E é assim, com o coração repleto e as retinas reduzidas pela suave luz daquelas manhãs que percebo perfumes e sabores, e vejo os raios oblíquos do sol de distantes tardes sobre as nossas árvores. São imagens permanentes, lembranças daquela natureza viva, companheira de brincadeiras de cada criança da rua. Ensinou-nos muita coisa. Às vezes paro diante de uma banca de frutas, pego uma e cheiro profundamente sua casca; e esse ato simples como tão simples é qualquer fruta tem o poder de me fazer sorrir, e de me transportar para longe, para um tempo em que morder uma fruta colhida no pé podia ser a maior felicidade deste mundo.

*Carlos Rosa Moreira*

---

Carlos Rosa Moreira nasceu em Niterói, em 1955. Tem cinco livros de contos e crônicas publicados – *Gritos do tempo; Da janela do trem; Brisas, marolas e rajadas de vento sul; Amanhã de manhã, em frente ao cinema, em Icarai;* e o mais recente (2010), *A montanha, o mar, a cidade*. É formado em Veterinária e Direito. Integra os quadros de instituições literárias em Niterói.